

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

**Paul Ricoeur – memória e
reconhecimento**

MICHEL RENAUD



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2021

Paul Ricoeur – memória e reconhecimento

MICHEL RENAUD

Como todos os anos, também 2013 foi um tempo de aniversários notáveis; o bicentenário do nascimento de Kierkegaard, o centenário do nascimento de Albert Camus e de Paul Ricoeur. Este ano foi assim marcado por múltiplos colóquios e homenagens a Paul Ricoeur, de Leste a Oeste, do Norte ao Sul. Estados Unidos, Brasil, Argentina e Chile, Alemanha, Itália, Rússia, China e Japão, e tantos outros países comemoram nele um filósofo que passou a ser reconhecido mais rapidamente fora de França, a começar pelos Estados Unidos, onde desde 1971 e por mais de 25 anos leccionou o segundo semestre do ano acadêmico. Contudo, agora a França integrou-o no leque muito restrito dos pensadores mais extraordinários do século XX. Não é por acaso que, no dia 21 de Novembro de 2013, o Fonds Ricoeur, ao qual ele próprio entregou todos os seus inéditos, o seu arquivo e a sua biblioteca, organizou em colaboração com a Sorbonne uma semana de colóquios para celebrar este aniversário; o presidente da Câmara de Paris aproveitou a ocasião destes Colóquios para inaugurar nos arredores da Sorbonne uma praça com o nome de Paul Ricoeur.

Dado que me foi pedido não ultrapassar uma meia hora, limitar-me-ei a uma breve evocação da figura de Paul Ricoeur através do seu itinerário intelectual, pedindo desculpa aos eminentes confrades de filosofia para os quais estes dados já estão largamente conhecidos. Com efeito, em vez de me instalar imediatamente num segmento preciso da sua obra, conforme a minha intenção inicial, julguei mais útil, no contexto desta Academia, traçar com largas pinceladas um fresco global da sua obra, para salientar o seu fio condutor. Tal será o meu momento de homenagem a um pensador que suscita em geral a admiração dos que têm a paciência de o seguir de perto.

De Paul Ricoeur, gigante da filosofia, podemos afirmar que, com a excepção da lógica matemática e da filosofia das ciências da natureza, nenhuma corrente filosófica lhe foi alheia. Por outro lado, o título geral dos três Colóquios que lhe foram dedicados neste mês de Novembro em Paris não podia ter sido melhor:

Paul Ricoeur. La traversée du siècle. Dotado de uma prodigiosa capacidade de leitura e de reflexão, Paul Ricoeur atravessou um século cheio de aventuras do espírito, no sentido mais genuíno da palavra, mas também no sentido mais dramático; com efeito, muito precocemente ficou órfão de mãe e declarado «pupilo da nação» após a morte do pai na batalha de Verdun; a segunda guerra mundial também não o poupou; como tenente, foi prisioneiro de guerra durante cinco anos na Pomerânia, num campo de oficiais franceses. O jovem Ricoeur teve assim a oportunidade de reflectir desde cedo sobre o mal político, sobre «o paradoxo da violência», com os temas conexos, tal como a culpabilidade, assunto ao qual Karl Jaspers dedicou igualmente um livro em 1946, *A culpabilidade alemã*. Em Paris, Ricoeur confrontou-se com todas as correntes e modas intelectuais do pós-guerra, o existencialismo de Gabriel Marcel e de Sartre, a fenomenologia de Husserl, de Heidegger e de Merleau-Ponty, o marxismo então dominante, o estruturalismo de Greimas, de Lévi-Strauss e de Althusser, a psicanálise de Lacan, sem esquecer as personalidades que coincidiam com a corrente que por assim dizer inauguravam Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida (no júri do qual Ricoeur esteve presente). Mas o nosso filósofo conseguiu dialogar com cada uma dessas correntes, sem nunca se deixar hipnotizar pelas modas, face às quais sempre manteve um olhar atento e crítico.

Uma das características de Ricoeur foi o empenhamento sociopolítico, na esteira imediata do seu pensamento filosófico; este compromisso realizou-se principalmente na órbita do movimento personalista de Emmanuel Mounier e da revista *Esprit*, mas também em ligação com o *Instituto de Teologia Protestante* de Paris. Com este manteve sempre uma estreita relação desde o início da sua carreira, como o comprova a publicação de numerosos artigos na revista *Cristianismo Social*, revista ligada à *Igreja Reformada de França*. Aliás, cristão calvinista convicto até ao fim da sua vida, leitor atento de Karl Barth, contribuirá mais tarde, directa e indirectamente, para a renovação dos estudos teológicos; com efeito, no decurso dos anos, publicou livros e artigos de primeira importância sobre a hermenêutica bíblica, sobre a filosofia da religião e sobre a teologia fundamental, de tal maneira que as suas análises são actualmente objecto de estudo em quase todos os Institutos ou Faculdades de Teologia. Na verdade, após uma educação estritamente calvinista que o afastava afectivamente do mundo católico, o seu espírito de diálogo justifica que, em 2000, tenha recebido, das mãos do papa João Paulo II,

o prémio do Vaticano destinado a homenagear um pensador cristão pela excelência dos seus trabalhos de reflexão sobre a fé. Porém, na sua vida profissional teve sempre o máximo cuidado em separar discurso filosófico e linguagem de fé; na mesma linha, as suas convicções religiosas não o impediram de aderir plenamente à laicidade do Estado em matéria de ensino, laicidade que defendeu vigorosamente mesmo contra as formas institucionais de ensino católico, ainda que, nesta matéria, o seu pensamento tenha evoluído de 1939 até 1995.

Abramos agora o capítulo da sua intensa actividade filosófica. Qual é, quais são os fios condutores que permitem compreender a evolução da sua obra? Somos aqui ajudados por uma nota que Ricoeur apresenta no seu livro autobiográfico *La critique et la conviction*¹ (1995) (observação que o próprio Ricoeur me tinha comunicado pessoalmente na Sorbonne, já em 1983, no dia de comemoração dos seus 70 anos): os seus livros principais surgiram de uma tentativa de resposta à questão ou às questões deixadas em aberto pelo livro precedente. Em conformidade com esta ideia, queria apresentar o seu itinerário, cingindo-me às obras centrais e deixando de lado os estudos colaterais, os quais muitas vezes explicitam ou pormenorizam o percurso central.

Podemos afirmar que três correntes filosóficas principais puseram em movimento a reflexão de Ricoeur: a fenomenologia alemã de Husserl, a filosofia reflexiva francesa (com Maine de Biran, Lachelier, Lagneau e sobretudo Jean Nabert), e o pensamento existencialista de Karl Jaspers e de Gabriel Marcei com o qual teceu uma estreita relação de amizade. Por outro lado, Ricoeur teve a ideia de realizar uma filosofia da vontade, na base da fenomenologia de Husserl e com o projecto de fazer para a compreensão da vontade aquilo que Husserl tinha realizado na esfera do conhecimento. Porém, era necessário reformular a análise fenomenológica nos termos do existencialismo, principalmente na linha de Gabriel Marcei. Foi assim que Ricoeur apresentou em 1950 o seu Doutoramento de Estado, com um livro intitulado *Philosophie de la volonté. Tome 1. Le volontaire et l'involontaire*. Embora já precedida por dois primeiros livros, respectivamente dedicados à Karl Jaspers e Gabriel Marcei, *Le volontaire et l'involontaire* constitui

¹ Cfr *La critique et la conviction*. Cfr também o extenso livro sobre a vida de Ricoeur por François Dosse, *Paul Ricoeur. Les sens d' une vie* (p.789). Paris. La Découverte/Poche, 2001 (2.^a edição revista e aumentada: 2012).

um marco importante na linha da fenomenologia, tal como *L'être et le néant* de Sartre e *La phénoménologie de la perception* de Merleau-Ponty; este volume de Ricoeur permaneceu como um tratado de antropologia filosófica virado para a acção.

Porém, uma questão permanecia em aberto: como compreender a relação da vontade com o mal? Desde o início, Ricoeur percebeu que isso deveria dar origem a uma outra obra, anunciada como uma «empírica da vontade», isto é, como uma análise concreta e existencial da vontade caída e serva. Em 1960, Ricoeur apresenta este projecto em dois livros, *Finitude et culpabilité* e *La symbolique du mal*. Mas a novidade, não entrevista dez anos mais cedo, é que o mal não se deixa compreender filosoficamente, porque, como disse Jean Nabert, o mal é o irracional e o injustificável em si mesmo. Só se diz e se narra, mas este dizer e esta narração, Ricoeur descobriu rapidamente que têm uma textura simbólica e, desta maneira, exigem uma interpretação. *La symbolique du mal* inaugura o que passou a chamar-se a viragem hermenêutica de Ricoeur, a sua primeira grande viragem. Foi portanto o problema do mal na vontade que justificou a necessidade de uma teoria hermenêutica. Todos os leitores de Ricoeur se lembram da teoria do círculo hermenêutico explicado no fim desse livro: «o símbolo dá que pensar».

Todavia, uma vez tendo aberto o universo da hermenêutica, Ricoeur encontra no seu caminho outras interpretações de tipo hermenêutico, nomeadamente a psicanálise. Em 1965 aparece então um livro de 530 páginas, *De l'interprétation, Essai sur Freud*, que constitui uma paciente e árdua análise do discurso freudiano, por causa do desafio que o inconsciente lança a todas as filosofias da consciência herdeiras de Descartes. Na esteira deste livro, aparece um conjunto de estudos centrados na multiplicidade das interpretações hermenêuticas; é o tema do livro de artigos de 1969, *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*.

Mas uma questão ficava em suspenso: a psicanálise não esgota o leque dos métodos interpretativos; com efeito, existe mais um universo simbólico específico, o da metáfora poética. O método hermenêutico devia portanto debruçar-se sobre a metáfora literária, para analisar a sua capacidade de inovação não apenas linguística, mas ontológica. É o que se efectuou – depois dos acontecimentos de Maio de 1968 – no livro de 1974, *La métaphore vive*, que analisa filosoficamente o impacto ontológico da metáfora poética.

Uma nova questão emerge da conclusão deste último livro. Não será que um romance inteiro poderia ser considerado também como uma grande metáfora da existência, não será que um tratado de história constitui, por sua vez, uma trama de certo modo simbólica, quase à maneira de uma grande parábola da existência humana? Esta nova questão deu origem aos três volumes de *Temps et récit*, (1983, 1984, 1985), que constituem uma inigualável epistemologia da história (tomo 1), paralelamente a uma teoria da narrativa de ficção (tomo 2: *La configuration dans le récit de fiction*), antes de desembocar numa teoria filosófica da temporalidade da existência (tomo 3: *Le temps raconté*).

Em 1986 aparece uma recolha de artigos, *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, que esclarecem e completam vários aspectos relacionados com a precedente trilogia e com a filosofia da acção.

Continuemos; o tempo passa e a actividade de Ricoeur não pára; ele trabalha com efeito num livro (de 425 páginas) que vai aparecer em 1990, sob o título *Soi-même comme un autre*. Poderíamos parafrasear este título com a expressão «Identidade pessoal e alteridade humana». Uma questão tinha ficado efectivamente tocada, mas não plenamente desenvolvida na trilogia de *Temps et récit*: qual é a identidade deste ser humano que vive na temporalidade, o que é a identidade narrativa pessoal? Acrescentarei: o que é ser pessoa, para quem não pensa nas categorias da substância aristotélica? Falo de pessoa, mas não é este conceito que predomina explicitamente neste novo livro de Ricoeur; o que está no centro da sua atenção é mais exactamente a análise da dupla maneira de entender a identidade humana, a identidade *idem* (ou mesmidade) e a identidade *ipse* (ou ipseidade). Na verdade, esta obra de 1990 constitui um extraordinário tratado de antropologia filosófica, guiado pela busca das «capacidades» humanas; incorpora também em três capítulos (os três penúltimos) os lineamentos de uma ética filosófica. Esta ética, que Ricoeur costumava chamar «a minha pequena ética», tornou-se o exemplo de ética filosófica mais conseguido e actualmente mais seguido em numerosas universidades.

Podia-se pensar que este novo livro *Soi-même comme un autre* fechava a curva do itinerário de Ricoeur aberta pelo primeiro tratado de antropologia filosófica de 1950; quarenta anos separavam os dois tratados. Mas tal como em Hegel a teoria do Espírito objectivo, com o mundo das instituições, sucede dialecticamente à teoria do Espírito subjectivo, Ricoeur retoma um caminho já iniciado em

trabalhos de juventude (em parte retomados nos importantes artigos do seu livro *Histoire et vérité*, de 1955 e 1964), e passa a desenvolver muitas questões de filosofia do direito, da ética e da política. Aparecem então três livros de recolha de artigos, em 1992, 1993 e 1994, respectivamente sobre a política (*Lectures 1. Autour du politique*; 1992), sobre autores contemporâneos (*Lectures 2. La contrée des philosophes*; 1993) e sobre a filosofia da religião (*Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*; 1994).

Paralelamente a discussão filosófica da justiça continua em dois preciosos livros intitulados *Le juste 1* (1995)² e *Le juste 2* (2001), onde aborda também uma multiplicidade de questões ligadas ao direito, à bioética, e à política. Paralelamente discute a questão da subjectividade humana com um especialista das ciências neuronais Jean-Pierre Changeux, no livro *La nature et la règle. Ce qui nous fait penser* (1998), que dá um pouco a impressão de um diálogo de surdos por parte do cientista.) No mesmo ano de 1998 publica um trabalho de hermenêutica bíblica (*Penser la Bible*) com o exegeta canadiano André LaCocque (já evoquei este trabalho em comunicações anteriores). Aliás, Ricoeur nunca deixou de escrever textos sobre assuntos bíblicos e teológicos, os quais estão a ser recolhidos e publicados ainda agora a partir do Fonds Ricoeur. A este respeito, queria sublinhar, quase entre parênteses, a resposta de Ricoeur quando se lhe perguntava se a sua adesão à fé cristã não teria sido o resultado de um simples acaso: trata-se de «um acaso, transformado em destino por uma escolha contínua», expressão que reiterou em vários contextos. Voltemos agora ao itinerário principal.

Em 2000, tendo Ricoeur 87 anos, uma nova surpresa está à nossa espera; vemos com efeito aparecer um novo tratado, de grande envergadura qualitativa e quantitativa (mais de 650 páginas) *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Qual foi desta vez a questão ainda não resolvida pela obra de 1990 e que estimulou o pensamento de Ricoeur? Em nosso entender, trata-se da ligação entre a subjectividade humana e a objectividade cultural e política; mas desta vez, a memória intervém como mediação entre o ser humano, na distensão e na retenção da sua temporalidade privada, e a memória histórica que orienta o sentido da nossa identidade cultural. Tal como se pode constatar, ainda se fala aqui de *identidade*, mas agora

² Durante vários anos, a leitura da tradução de *Le Juste 1* tornou-se, em Portugal, matéria obrigatória para o concurso de entrada na carreira da magistratura.

pelo prisma da relação entre a memória pessoal e a memória colectiva. Entre outros assuntos, saliento como particularmente interessante a análise das patologias sociopolíticas do uso da memória e do seu contrário, o esquecimento: destaco por exemplo os títulos dos seguintes parágrafos: «*L'oubli et la mémoire empêchée*» (por exemplo, proibir politicamente a memória de tragédias políticas provocadas, como o genocídio da Arménia em 1915); «*l'oubli et la mémoire manipulée*» (por exemplo, nas comemorações de centenários, como o bicentenário da revolução francesa); finalmente «*o esquecimento imposto: a amnistia*» (p. 574-589). Esta obra acaba com um epílogo de 60 páginas sobre a possibilidade do perdão (ao qual já me referi numa precedente comunicação), perdão a nível privado, com certeza, mas sobretudo a nível sociopolítico (como o pedido de perdão por parte de Willy Brandt em Auschwitz e do papa João Paulo II em Jerusalém).

Enfim, em 2004 – um ano antes da sua morte que aconteceu em maio de 2005 –, aparece o seu último livro publicado em vida, *Parcours de la reconnaissance. Trois études* (380 páginas). Mais uma vez a mesma questão pode ressoar: qual é o elo de ligação desta última obra com as precedentes, de que problema surgiu este livro, de certo modo inesperado quando o autor já completava 91 anos? (Na verdade é esta questão que tinha pensado analisar de modo filosófico na segunda parte da minha presente comunicação. Mas por falta de tempo, limitar-me-ei a brevíssimas anotações, reservando eventualmente para o futuro uma discussão mais extensa desta problemática.) O livro de 2004 constrói pouco a pouco uma nova resposta à questão da reciprocidade da intersubjectividade, isto é, como afirma Ricoeur, à questão da «mutualidade». Sabemos que esta questão se coloca principalmente desde Descartes, uma vez que o Cogito cartesiano punha o eu como eixo referencial da verdade. Mas como é que se pode, a partir do eu, pensar a alteridade do outro? Tal foi um dos principais problemas da fenomenologia. Ora, o reconhecimento de si deve ser pensado como coextensivo ao reconhecimento do eu pelo outro. Mas será que, tal como na dialéctica hegeliana do senhor e do escravo – isto é, dialéctica da dominação e da servidão –, a luta e a violência são a forma mais elementar da reciprocidade intersubjectiva? A questão encontra a tese de Hobbes sobre a violência no «estado de natureza». Ricoeur vai passo a passo mostrar que o pretendido estado de natureza, como ficção, não existe e que, contrariamente a Hobbes, a sociedade se deve construir e se constrói efectivamente numa base ética, desde o princípio das relações recíprocas entre seres humanos.

A título de conclusão, queria recapitular o itinerário de Ricoeur com algumas observações. Em primeiro lugar, a evolução da hermenêutica; a viragem hermenêutica deu-se nele em 1960, por causa da questão do mal moral. Contudo, entre 1975 e 1985, Ricoeur alargou o método hermenêutico a toda a filosofia do agir, além da questão dos símbolos. Nessa altura, o nome de Ricoeur já estava quase definitivamente associado à hermenêutica geral da existência. Contudo, a partir de 1988 o próprio Ricoeur afirmou que tinha deixado de falar de *hermenêutica*, como se esta se tivesse diluído na problemática conjuntamente mais vasta e mais específica de uma filosofia da identidade humana. Efectivamente, a partir dos anos 1990 raras são as referências à hermenêutica.

Em segundo lugar, este itinerário conheceu também uma certa renúncia, que toma as aparências de uma ruptura. Em 1950 tinha anunciado um tratado sobre a «poética da vontade», que devia reintroduzir a problemática filosófica de Deus em relação com a vontade, com uma vontade desta vez liberta do mal e do servo-arbítrio. Esta viragem não se concretizou; todavia, partes inteiras deste projecto foram, em meu entender, realizadas de modo desmembrado, encontrando-se nos artigos filosóficos de filosofia da religião. Já sublinhei em outros contextos que esta renúncia se compreende também no horizonte da fé calvinista, com a sua relutância diante de qualquer discurso metafísico sobre Deus.

Em último lugar, já próximo do fim da sua vida, Ricoeur *teria expresso* a sua frustração de não ter escrito uma filosofia da acção; confesso não compreender nem esta afirmação nem a frustração que lhe corresponde, porque o fio condutor global da sua obra me parece ser precisamente o de uma filosofia da acção humana.

E finalmente, convém falar de alguns escritos póstumos; já quatro livros póstumos foram publicados até à presente data, mas um deles merece uma menção especial. Trata-se de um texto breve, *Vivant jusqu'à la mort*, que foi descoberto como manuscrito inacabado, redigido no tempo da doença grave da sua esposa, Simone Ricoeur, que veio a falecer em 1998. Neste livro Ricoeur interroga-se sobre o sentido de uma vida após a morte (livro que já comentei no contexto de uma precedente comunicação nesta Academia). Enfim, está a ser preparada agora a publicação de um curso muito importante sobre a *Filosofia da imaginação*, que, após muitas hesitações, o Fonds Ricoeur decidiu divulgar apesar da oposição explícita do filósofo quanto à publicação dos seus trabalhos inéditos. Tinha dito

com efeito, que a sua obra acabava com a sua morte e que não se lhe podia acrescentar nada.

Termino com uma única conclusão. O extraordinário, na personalidade de Paul Ricoeur, foi a aliança entre uma prodigiosa força intelectual e o seu respeito pela pessoa de todos os seus estudantes e parceiros de diálogo. Grande é, com efeito, um pensador como Paul Ricoeur, que, com a humildade da verdade, consegue quase inconscientemente, pelo diálogo com os seus interlocutores, dilatar o seu entusiasmo e abrir o seu espírito à descoberta do sentido e da verdade do real.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 28 DE NOVEMBRO DE 2013)